

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: RELAÇÕES DE GÊNERO E DOMINAÇÃO MASCULINA

Autora: Lucivania da Costa Silva
Universidade Federal de Campina Grande
lucivaniacosta30@gmail.com

Coautora: Eliene dos Santos Costa
Universidade Federal de Campina Grande
eliene.costa@hotmail.com.br

Resumo: Desenvolver uma discussão acerca da violência sofrida pelas mulheres na sociedade atual, seja ela física ou simbólica, é de extrema importância para entendermos como a dominação masculina se estabelece enquanto lógica natural nos ambientes sociais, nas atitudes e nos pensamentos de homens e mulheres, que experienciam modelos sociais construídos, incorporados pelos indivíduos e postos em prática no cotidiano. As construções sociais baseadas nas questões de gênero são adquiridas pela cultura, que por sua vez, é reproduzida e repassada aos seus futuros atores sociais, entretanto estas questões de gênero sofreram modificações ao longo da história e estão sempre ligadas ao contexto social, econômico e político de cada época. A dominação masculina é disseminada na sociedade a partir de esquemas inconscientes, incorporados por homens e mulheres que vivenciam de maneira natural estas relações de dominação e poder. A violência demarca sua presença em termos físicos e em termos simbólicos, haja vista, agressões corporais, como também, moral, psicológica e sentimental. Este é um trabalho realizado a partir de referenciais bibliográficos sobre gênero, dominação masculina e violência, com intuito de expressar os principais aspectos destas categorias na análise da violência sofrida pelas mulheres e como se dão estas relações de gênero, poder e dominação.

Dominação masculina, gênero e violência.

Abstract: Developing a discussion about violence suffered by women in today's society, whether it be physical or symbolic, is of utmost importance to understand how male dominance is established as a natural logic in social environments, attitudes, and thoughts of men and women, experiencing social models built, built by individuals and put into practice in daily life. Social constructions based on gender are acquired through culture, which in turn, is reproduced and passed on to future social actors, although these gender issues have been changed throughout history and are always connected to, economic and political social context of each season. Male domination is widespread in



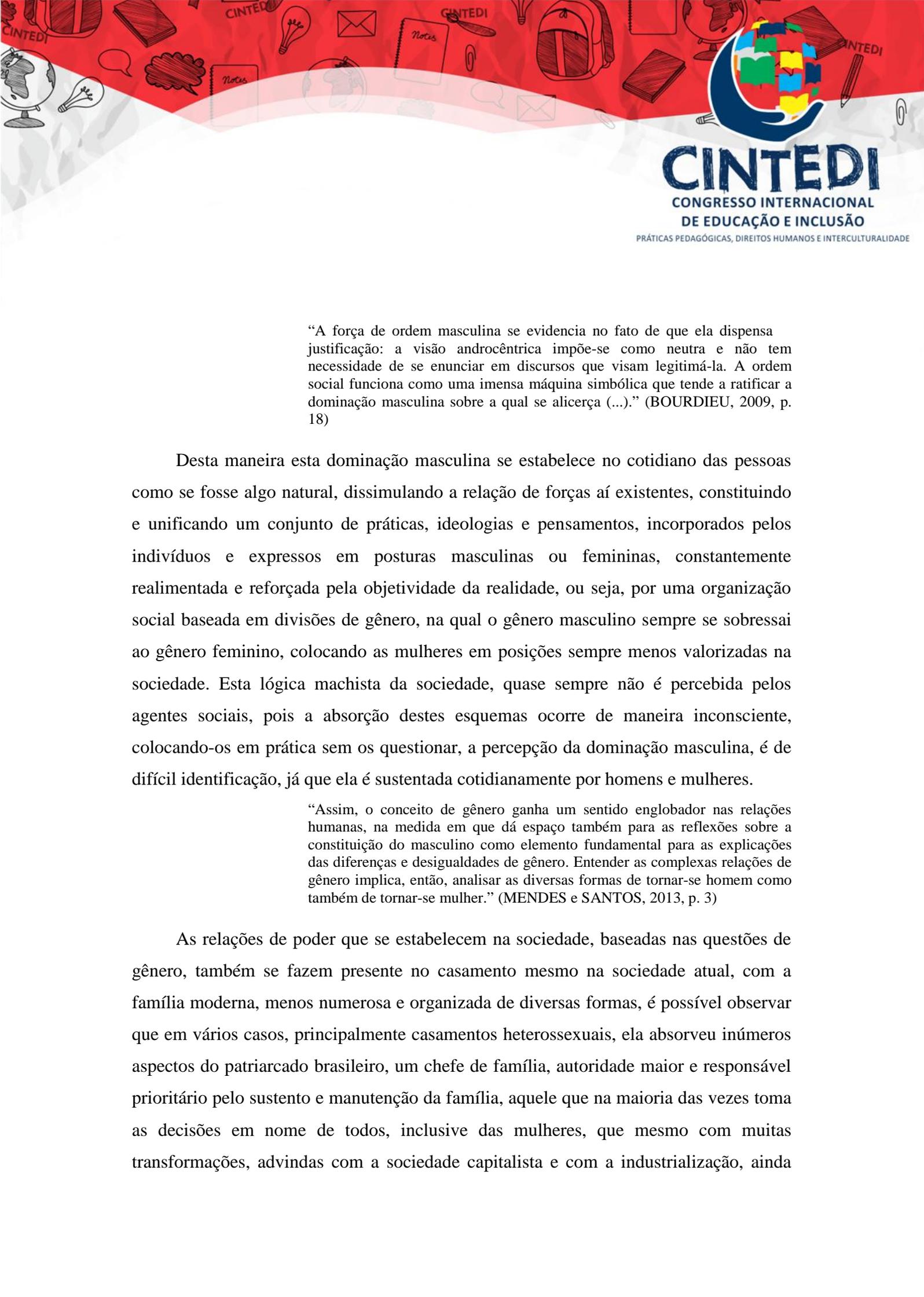
society from unconscious schemes, built by men and women who experience natural way these relations of domination and power. Violence marks its presence in physical terms and in symbolic terms, as attested by physical violence, but also moral, psychological and sentimental. This is a work from bibliographic references on gender, male domination and violence with the intent to express the main aspects of these categories in the analysis of violence experienced by women and how to give these gender relations, power and domination.

Male domination, gender and violence.

No Brasil colonial, o modelo de família patriarcal, no qual o homem, o pai era o administrador e detentor de poder sobre a mulher, os filhos e os escravos; dominador a quem todos deviam respeitar e obedecer sem questionar, decidia em favor de sua própria soberania, os destinos de todos aqueles que estavam ligados a ele, seja por um vínculo familiar, parental ou escravista, este patriarca era o provedor econômico e centralizador de todo o poder a ele instituído por meio deste modelo de família.

Para FREYRE (2002) também é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre ela o belo.

Este modelo de família influencia no físico, na hexis corporal dos indivíduos, reafirmando nesta maneira de se comportar e se portar diante da sociedade, a dominação masculina, haja vista, que o homem patriarcal necessita se diferenciar da mulher, caracterizando-a como sexo frágil para assim manter o poder sobre a mesma, considerando-se superior tanto em sexo quanto em raça, sendo o portador de aptidões físicas e mentais, necessárias a organização da vida pública e do trabalho extra doméstico, ao contrário da mulher que ocupava uma posição de insignificância para esta realidade social, possuía capacidade apenas para organizar assuntos relacionados à vida privada, tais como, organização da família, da comida, mediadora de problemas familiares e responsável pelas atividades domésticas, a mulher estaria sempre alheia a vida pública.



CINTEDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIREITOS HUMANOS E INTERCULTURALIDADE

“A força de ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visam legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça (...).” (BOURDIEU, 2009, p. 18)

Desta maneira esta dominação masculina se estabelece no cotidiano das pessoas como se fosse algo natural, dissimulando a relação de forças aí existentes, constituindo e unificando um conjunto de práticas, ideologias e pensamentos, incorporados pelos indivíduos e expressos em posturas masculinas ou femininas, constantemente realimentada e reforçada pela objetividade da realidade, ou seja, por uma organização social baseada em divisões de gênero, na qual o gênero masculino sempre se sobressai ao gênero feminino, colocando as mulheres em posições sempre menos valorizadas na sociedade. Esta lógica machista da sociedade, quase sempre não é percebida pelos agentes sociais, pois a absorção destes esquemas ocorre de maneira inconsciente, colocando-os em prática sem os questionar, a percepção da dominação masculina, é de difícil identificação, já que ela é sustentada cotidianamente por homens e mulheres.

“Assim, o conceito de gênero ganha um sentido englobador nas relações humanas, na medida em que dá espaço também para as reflexões sobre a constituição do masculino como elemento fundamental para as explicações das diferenças e desigualdades de gênero. Entender as complexas relações de gênero implica, então, analisar as diversas formas de tornar-se homem como também de tornar-se mulher.” (MENDES e SANTOS, 2013, p. 3)

As relações de poder que se estabelecem na sociedade, baseadas nas questões de gênero, também se fazem presente no casamento mesmo na sociedade atual, com a família moderna, menos numerosa e organizada de diversas formas, é possível observar que em vários casos, principalmente casamentos heterossexuais, ela absorveu inúmeros aspectos do patriarcado brasileiro, um chefe de família, autoridade maior e responsável prioritário pelo sustento e manutenção da família, aquele que na maioria das vezes toma as decisões em nome de todos, inclusive das mulheres, que mesmo com muitas transformações, advindas com a sociedade capitalista e com a industrialização, ainda

enfrentam as desigualdades de gênero, não ocupam os mesmos cargos que os homens e quando ocupam não recebem os mesmos salários, sofrem desconfiança do seu potencial intelectual, físico e até moral, por serem mulheres, e justamente por isso são responsáveis pelo cuidado com os filhos e com a casa, é neste sentido que os homens do século XXI, ainda desejam mulheres que estejam preparadas para um tipo de casamento e família de séculos passados, que aceitem a dependência tanto financeira quanto emocional, sempre obediente ao marido, que por sua vez, é quem determina os limites e as ações de cada membro desta família, ratificando uma hierarquia com intuito de dominar e explorar. O biológico não determina as diferenças de gênero, pois os indivíduos sociais aprendem a ser homens e mulheres de acordo com a cultura na qual vivem, adotam hábitos e comportamentos que os diferenciam, e é neste limiar que ser mulher significa ser diferente de ser homem, incorporar características que as mostrem mais delicadas, meigas, frágeis, submissas e preparadas para serem esposas e mães de família, esta introdução de qualidades “necessárias” para uma mulher, faz parte de uma moral, de uma ética e de uma estética, que é compreendida e melhor aceita pela sociedade, demarcando assim os papéis sociais que devem ser assumidos por homens e mulheres.

“Compreende-se que o falo, sempre presente metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante.” (BOURDIEU, 2009, p. 20)

O falo e a virilidade estão ligados ao sexo e a honra, a exploração e a posse de um sexo (masculino) pelo outro (feminino), revelando o desejo sexual como o desejo de possuir e dominar (homem) e o desejo de ser possuído e dominado (mulher), distinguindo efetivamente o agente ativo e o passivo da relação sexual e afirmando a dominação simbólica no próprio ato sexual, a mulher sob o homem, o que indica inferioridade e submissão, assim como a felação e o cunilíngua, práticas sexuais que representam o poder que o homem possui de fazer sentir prazer e por si próprio sentir

prazer, em ambos os casos os significados estão totalmente voltados para o homem, viril e capaz de exercer domínio no sexo comum e no sexo oral, poder este que não é convertido da mesma maneira para as mulheres, transformando-as em meros objetos sexuais, praticamente anulando a sua posição enquanto sujeito participante, necessário e humano, tendo em vista, que as mulheres são preparadas ao longo da vida para vivenciarem a sexualidade como uma experiência íntima e que envolve afeto, carinho, amor, sentimentos que representam algo que vai além do físico e do prazer propriamente dito, ao contrário dos homens que são preparados para se mostrarem, potentes, capazes e eficazes, constituindo toda uma simbologia em volta da sua virilidade, como aspecto de força, honra e dominação. Sendo assim, CORBIN (2013), afirma que é a ereção que confere ao homem a sua dignidade, o seu caráter, é ela que manifesta a sua importância; é ela que funda a sua dominação. (...). Desde o século XIX, a ciência já analisava a sexualidade masculina e, a angústia *maxima* diz respeito, no entanto, à impotência masculina, à negação total da virilidade, visto que o pênis não levanta mais – ou não ejacula mais ou ainda perdeu a sua força de projeção; sem esquecer um outro sofrimento eventual, aquele suscitado pela perda da “potência profílica”, quer dizer, pela esterilidade.

Logo, a definição social dos órgãos sexuais enaltece os homens e inferiorizam as mulheres, haja vista, que em épocas passadas a vagina era percebida como falo invertido, como órgão incompleto, em paralelo com o próprio sexo feminino, sempre constituído a partir do masculino, considerando a mulher como a cópia imperfeita e incompleta do seu original, os homens, que por sua vez, podem e devem se mostrar viris e reprodutores, para que consigam reafirmar sempre que possível, não apenas sua masculinidade, como também sua dignidade, sua moral e sua superioridade perante a sociedade e principalmente perante as mulheres, porém, estas têm que preferencialmente se apresentarem mais conservadas e reservadas possíveis, caso contrário, terá que sofrer com a violência simbólica de serem enquadradas e rotuladas

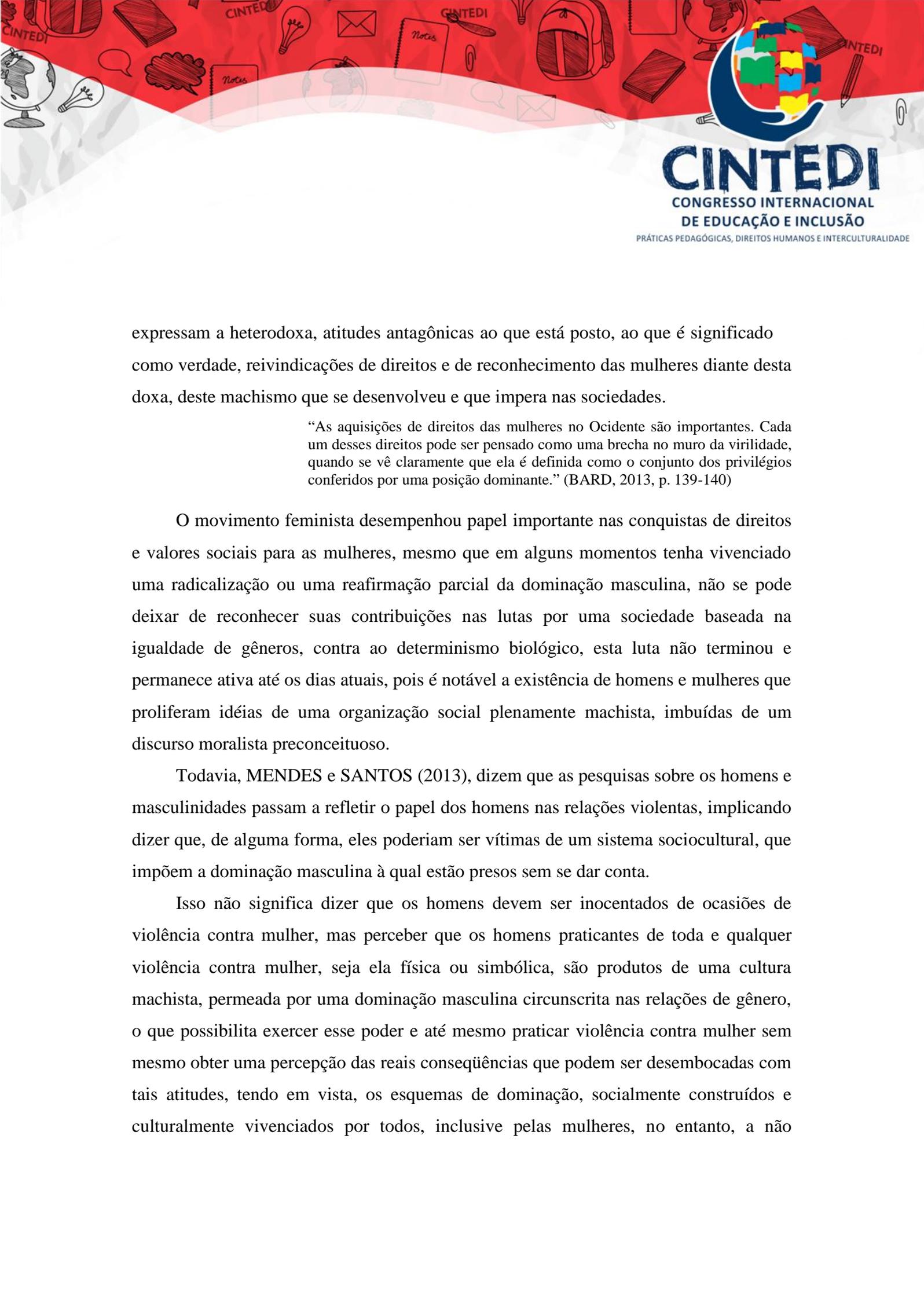


por estereótipos indesejáveis e discriminados por toda a sociedade. É neste limiar que os discursos sociais são fortemente marcados por esta dominação masculina, na medida em que as mulheres não possuem domínio total sobre o seu próprio corpo, a sociedade espera que esta se resguarde e se prepare para a vida conjugal e para constituição de uma família heterossexual, as mulheres que não se inserirem neste modelo, causam um estranhamento e são estigmatizadas por toda a sociedade, quando se trata de mulheres que optaram pela vida de solteira, sem compromisso conjugal, são tidas pejorativamente como “titias” ou encalhadas, aquelas que são prostitutas ou garotas de programas, sofrem com a discriminação e o preconceito com sua profissão, uma exclusão social, um repúdio, o que também ressalta a idéia de mulheres para casar e mulheres para se divertir, caracterizando uma desvalorização ainda maior em relação a estas mulheres. Vale salientar também os discursos que cercam a masturbação feminina, vista até então, como tabu, assim como a própria vagina, tratada em muitos casos, como objeto separado da mulher, a exemplo da consulta com o ginecologista, citado por Bourdieu em A dominação masculina. Como trata Michel Foucault em Os anormais, a masturbação de modo geral, foi tratada no século XVII, XVIII e XIX, como pecado, doença e desequilíbrio, foi estudada pela medicina e pela psiquiatria, as quais indicavam a necessidade de tratamento e controle do corpo, neste caso, os pais eram responsáveis pelo corpo de desejo e de prazer dos filhos, gerenciando a sexualidade dos mesmos, impedindo-os de se masturbarem de todas as formas possíveis. Esta maneira de pensar sofreu alterações ao longo do tempo, e as práticas sexuais em geral foram desmistificadas, porém de forma diferenciadas para homens e mulheres, a masturbação feminina, é exemplo destas distinções, pois o misticismo e o ressentimento, de praticá-la persiste por parte de muitas mulheres, a repressão familiar e educacional se fazem presente neste contexto, até mesmo pelo fato da ausência destas explicações ou conversas com os pais e com a escola, o que provoca a contenção da sexualidade feminina, inibindo-a para que a mulher não possa assumir o controle do seu prazer,

satisfação, sexualidade e conseqüentemente do próprio corpo, ao contrário dos homens que encaram a masturbação como prática comum e necessária, efetuada sem nenhum constrangimento.

A violência contra a mulher pode avançar e alcançar estágios mais graves, como a violência doméstica, no casamento ela pode ocorrer por diversos fatores dentre eles, ciúmes, traição, desobediência, descumprimento das atividades domésticas ou sexuais, ela pode se dá de forma física, pela ocorrência de agressões ao corpo da mulher e pode ser simbólica, pela ocorrência de pressões psicológicas, ameaças, gritos, acusações falsas, o que torna a mulher vítima de uma dominação perigosa presente em âmbito que deveria ser de amor e confiança, visando a diminuição e a humilhação do sexo feminino, que várias vezes se conforma com esta situação por não possuir uma independência financeira ou até emocional do parceiro agressor, além dos filhos que são fator decisivo para que elas continuem resistindo a tal condição de vida.

Contudo, mesmo o espaço sendo reduzido para as lutas feministas, as mulheres reagiram a esta dominação masculina das mais diversas formas, a exemplo do final do século XX, o qual as mulheres obtiveram um maior controle de sua vida sexual, contribuindo para que os papéis se invertessem, agora o homem era objeto sexual, privado de ser sujeito, ao menos para as feministas e adeptos desta mudança de pensamento; no nazismo as mulheres encontraram uma forma de se contrapor, renegando a si próprias, utilizando-se de uma hexis corporal e até mesmo de um habitus masculino, almejando a participação em combates e no governo do país; a explosão da indústria pornográfica nos anos de 1970, também foi considerada um enfrentamento, nos anos 80 as lutas feministas revelaram outras condutas como o lesbianismo radical e a recusa da vida de casal, fortalecendo uma aliança entre as mulheres emocional, política e econômica, visando uma luta contra as atrocidades cometidas contra elas próprias por uma sociedade extremamente machista, que praticava atos de violência tanto simbólica quanto física. Todas estas formas de confronto com a ideologia dominante,



expressam a heterodoxa, atitudes antagônicas ao que está posto, ao que é significado como verdade, reivindicações de direitos e de reconhecimento das mulheres diante desta doxa, deste machismo que se desenvolveu e que impera nas sociedades.

“As aquisições de direitos das mulheres no Ocidente são importantes. Cada um desses direitos pode ser pensado como uma brecha no muro da virilidade, quando se vê claramente que ela é definida como o conjunto dos privilégios conferidos por uma posição dominante.” (BARD, 2013, p. 139-140)

O movimento feminista desempenhou papel importante nas conquistas de direitos e valores sociais para as mulheres, mesmo que em alguns momentos tenha vivenciado uma radicalização ou uma reafirmação parcial da dominação masculina, não se pode deixar de reconhecer suas contribuições nas lutas por uma sociedade baseada na igualdade de gêneros, contra ao determinismo biológico, esta luta não terminou e permanece ativa até os dias atuais, pois é notável a existência de homens e mulheres que proliferam idéias de uma organização social plenamente machista, imbuídas de um discurso moralista preconceituoso.

Todavia, MENDES e SANTOS (2013), dizem que as pesquisas sobre os homens e masculinidades passam a refletir o papel dos homens nas relações violentas, implicando dizer que, de alguma forma, eles poderiam ser vítimas de um sistema sociocultural, que impõem a dominação masculina à qual estão presos sem se dar conta.

Isso não significa dizer que os homens devem ser inocentados de ocasiões de violência contra mulher, mas perceber que os homens praticantes de toda e qualquer violência contra mulher, seja ela física ou simbólica, são produtos de uma cultura machista, permeada por uma dominação masculina circunscrita nas relações de gênero, o que possibilita exercer esse poder e até mesmo praticar violência contra mulher sem mesmo obter uma percepção das reais conseqüências que podem ser desembocadas com tais atitudes, tendo em vista, os esquemas de dominação, socialmente construídos e culturalmente vivenciados por todos, inclusive pelas mulheres, no entanto, a não



percepção do ato de violência não o isenta de sua responsabilidade e culpabilização pela agressão cometida.

Considerações Finais

É importante salientar, que não é o falo ou a ausência dele que serve de fundamento para esta visão androcêntrica, essa visão da dominação masculina, que se transformou em regra geral e universal, experienciada e reproduzida por homens e mulheres, mas é justamente essa estrutura social dividida pelo gênero, que permite que o falo seja símbolo de virilidade e de superioridade, pois a dominação masculina se legitima, inscrevendo-se no biológico e se estabelecendo na cultura como algo natural e comum. Logo, existe uma construção social longa e duradoura, e que configuram os sexos como diferentes, um em relação ao outro, se convertendo em habitus, pensado e difundido pelos discursos proliferados pelas instituições e pela cultura, influenciando a forma como percebemos as situações e conseqüentemente como pensamos e agimos.

Toda esta experiência dóxica, este conjunto de idéias, significados e práticas tidos como natural por grande parte dos indivíduos, implica em uma reprodução destas experiências, que inevitavelmente são pensamentos e atos de submissão, em contrapartida a heterodoxa desempenha um papel confrontador com as realidades sociais machistas e dominantes, embora as mulheres tenham conquistado mais espaço, inclusive administrativos e militares, não significa dizer que os gêneros estão igualmente compreendidos pela sociedade atual, o determinismo biológico e a imagem de uma mulher mais fragilizada, se faz muito presente na atualidade.

Referências



BARD, Christine. A Virilidade no Espelho das Mulheres. In: *História da Virilidade* Vol. III. Sob a direção de Alain Corbin *et al.* Petrópolis: Vozes, 2013. p. 116-153.

BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: _____. *A dominação masculina*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 13-67.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: Alain Corbin. *História da virilidade*. S/ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 439-461

FOUCAULT, Michel. Aula de 5 de março de 1975. Aula 12 de março de 1975. Aula 19 de março de 1975. In: _____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 293-409.

FREYRE, Gilberto; AYRES, Lula Cardoso; BANDEIRA, Manuel. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 3.ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1961. p. 781-855.

MENDES, Mary Alves; SANTOS, Valdonilson Barbosa. Interfaces entre a vida sexual e violência conjugal: ouvindo homens e mulheres sobre as práticas. IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, Fortaleza, p. 1-23. Disponível em: <http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/14_trabalho_000716_1373855768.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.